Correio das Artes

Ano 1 Número 25 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 11-9-1949

O NETO DE MARCO AURELIO

ORLANDO ROMERO

É certo que os homens insistem em menosprezar os seus contemporâneos. Raros são os que recebem honras e são objétos de admiração enquanto vivos. E isso tem a sua razão de ser levantando-se em conta dois aspectos do sentimento humano: o hábito e as sensações do porvir. Desaparecidos tais fatôres, e quando desilusões acompanham as gerações em duélos sucessivos aspirando um mundo melhor, é que percebemos os clarões rutilantes dos genios que ficaram atráz, em épocas distantes. E cada dia que passa as luminosidades brilham mais obrigando-nos á reflexão — e num impulso de sinceridade exalçamos aqueles vultos; procuramos senti-los e compreender aquilo que passou despercebido aos predecessores. A consciencia obriga-nos a uma retratação como se responsáveis fôssemos por todas as injustiças cometidas em épocas remotas, e por gerações que já desapareceram. Não há, pois, soluções de continuidade entre as gerações. elas caminham entrelaçadas reparando erros praticados anteriormente e praticando injustiças que serão desfeitas pelos homens do futuro. É a marcha da Historia, é a nossa luta interminavel tendo por diretiva a perfeição humana.

Sabemos que D. Pedro II foi a maior vitima do seu tempo. Sofreu as mais grosseiras vilanias dos pioneiros do republicanismo. Somente hoje podemos compreender e mesmo perdoar (como D. Pedro perdoou) áqueles homens apressados em atrelar a Nação ao comboio das republicas sul-americanas: o culto do Imperador era a ciencia e os livros eram as suas armas.

A proclamação da Republica era a aspiração suprema dos brasileiros, mas o mal que fizeram ao monarca que, durante meio século, conduziu a nau fragílima quando venios contrários sacudiam-na de encontro aos arrecifes traiçoeiros — constitue irreparavel atentado ao Bem. Dominados pelos excessos, esqueceram num momento o que possuiam de mais solene, de magestoso, de incorruptivel. E aquela figura evangélica escrevia do exilio ao visconde de Taunay:

"A posteridade me absolverá de meus erros, atendendo ás intenções. Creia que lhe escrevo estas linhas com lágrimas nos olhos. Tenho tanta fé em tudo que fiz e faço que, penso, seria mártir nos primeiros séculos do cristianismo". (1)

Em realidade o nosso segundo Imperador tinha a serenidade dos grandes filósofos e a resignação dos Apóstolos. A Ouro Preto que encontrara dias depois, em Lisboa, diz comovido: — "Em suma estou satisfeito. É a minha carta de alforria. Posso agora ir aonde quero". (2) Sim, êle estava liberto. Entretanto, não podia ir aonde queria. Enganava-se. Não podia ver o Brasil, o oceano imenso distanciava-o de Petropolis, a sua terra amada. E na França longínquo amenizava a dor que lhe despedaçava a alma, estudando. Aos 66 anos de idade, doente e pobre, assistia ás aulas da

A VALSA

MAURO MOTA

A SOMBRA PARA SEMPRE REFLETIDA
POUCO IMPORTA QUE ESTEJA O CORPO AUSENTE
DO SILENCIO DO PIANO, DE REPENTE
REBENTA A TUA VALSA PREFERIDA.

CANÇÃO DE VIENA, NA HORA E NO AMBIENTE
ONDE, EM ANTIGAS NOITES, FOI OUVIDA.
AH! A TRISTEZA DA TUA DESPEDIDA
QUANDO AS ROSAS ABRIAM SUAVEMENTE

O MEDO DE ALMA QUE, NO ESCURO, TINHAS,
A MÚSICA DOS GESTOS E DA FALA,
TUAS MÃOS A TREMER DENTRO DAS MINHAS.

A VALSA PREFERIDA QUE REBENTA,
DIÁFANOS VÉUS EM GIROS PELA SALA,
TEU FANTASMA DANSANDO A VALSA LENTA.

Academia de Ciencias para cuvir Lipmann dissertar sôbre a reprodução dos cores pela fotografia; interessava-se pelas conquistas de Baudran e de Becquerel; relia o *De bello gallico* e a *Odisséa* de Homero, traduzindo os mais encantadores trêchos gregos; os novos processos matematicos vinham-lhe de acréscimo. As representações do *Trianon* constituiam para D. Pedro momentos de êxtase indescritivel. Do exilio descrevia os seus encontros com os músicos, os literatos, os artistas, os cientistas. Não tratava de politica; apenas repetia solenemente o verso de Camões que tanto o inspirava: — "A minha patria amei e a minha gente".

Às vésperas de sua morte, escreve ainda e cada vez mais procura ilustrar o seu espírito:

"Estive bastante dias de cama por causa de calo; Houve gangrena, mas graças ao meu já duas vezes salvador Motta Maia, não preciso cortar o pé esquerdo. Agora tudo vai bem. Mas sempre li e escrevi, o que é o meu consolo, longe da patria..."

Tivesse D. Pedro II relegado as letras para um plano inferior e olhado os acontecimentos politicos com maior interesse, atendendo às preocupações desprezíveis dos seus contemporâneos talvez não pagasse tão pesado tributo. Confundir-se-ia com os demais; tudo proseguiria ás mil maravilhas. Diz Calógeras: — "O monarca era um homem de letras e de ciencias, e sua queda se manifestava por atividades intelectuais e sociais". (3) O seu espírito pairava acima de contendas estéreis," de miasmas politicos". (4) Em vez disso protegia Carlos Gomes, Pedro Americo e Victor Meireles; tudo facilitava a Varnhagen, a Gonçalves Dias, a Joaquim Manuel de Macedo, a Alencar, a Ramiz Galvão e a todos os músicos, romancistas, historiadores, cientistas e estudantes que recorriam, diariamente, á sua magnamidade. Gobineau que se encontrava em aflitiva situação na Europa, sem achar compradores para as suas esculturas, recebe o bafejo paternal de Pedro II; Afonso Lamartine e Luiz Pasteur por ele são apoiados e encorajados quando todos lhes batiam com as portas na cara. Victor Hugo chamava-o de "neto de Marco Aurelio". Certa vez disse-lhe Hugo:

— É uma felicidade não termos na Europa um soberano que se assemelhe a Vossa Magestade.

D. Pedro não compreendo a intenção do poeta, ficou surpreso e indagou, humilde:

— Por que?

Respondeu Victor Hugo:

— Porque perderiamos todo o interesse de sermos republicanos. (5)

Um dos episodios mais interessantes da vida de D. Pedro é o de sua visita aos Estados Unidos. Logo que o Imperador desembarcava no porto de Nova York — antes mesmo de prestar atenção aos respeitáveis vultos do oficialismo que o aguardavam, — foi perguntando onde encontraria o seu amigo Longfellow. E os momentos mais alegres que passou em Cambridge foram a seu lado. Teve vários encontros com Ralph Waldo Emerson, com Alexandre Agassiz, com Whittier. Conhecendo casualmente Graham Bell, durante uma exposição em Bóston, ficou maravilhado com o telefone e imediatamente prometeu ao jovem cientista que o Brasil seria o seu primeiro freguês. E, de fato, chegando ao Rio fez as encomendas, e quatro telefones instalaram-se no Reino, entusiasmando os cariocas. O paço de S. Cristovão convertera-se numa especie de cenáculo dos deuses. Os instantes mais agradaveis do Imperador eram os que passava em palestra com jovens intelectuais. Ali havia a mais ampla liberdade de pensamento, todos eram iguais, e D. Pedro sabia conquistar a confiança de monarquistas e de republicanos. (6) Todos os assuntos que visassem o soerguimento econômico, social e intelectual do Brasil encontravam acolhida por parte de Pedro II. Por isso procurou abolir os privilégios literários; interesscu-se pelos problemas de imigração; sonhava com o estabelecimento de duas universidades, uma no norte e outra no sul; cogitava da instalação de um observatorio superior ao de Nice; a higiene e a instrução públicas, as estradas de ferro, despertavam as suas atenções; encarregara Ouro Preto de apresentar ás Camaras um projéto para abolição da pena de morte; idealizava um Teatro Nacional; jamais esquecera a Academia de Belas Artes; preocupava-se com as escolas de agricultura e de zootecnía, etc. (7) Impossivel enumerar a multidão de planos que enchiam a cabeça veneravel do grande Imperador.

Há 58 anos que êle partiu desta vida para outra melhor, e agora, mais do que nunca, relembramos o seu vulto, — símbolo de uma grande raça, espelho de nossas aspirações.

(1) Visconde de Taunay. — *D. Pedro II;*

(2) Luiz Viana Filho. — *A Vida de Ruy Barbosa;*

(3) Pandiá Calógeras. — *Formação Histórica do Brasil;*

(4) Georges Readers. — D. Pedro II e o Conde de Gobineau;

(5) Bertita Harding. — *O Trono do Amazonas;*

(6) Salvador Mendonça. — *Cousas do meu tempo;*

(7) *Fé de Oficio do Imperador do Brasil*, Cannes, 1891.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

PRIMEIRO CONGRESSO DE MÚSICA DO NORDESTE

O seu encerramento, quarta-feira última, nesta capital — Presidiu á solenidade o governador Oswaldo Trigueiro, Presidente de Honra do Conclave — As reuniões plenárias — As delegações — Exito da programação artística — Homenagem ao Estado de Pernambuco — Escolhida a cidade de Fortaleza para a realização do 2.º CONGRESSO DE MUSICA DO NORDESTE — Outras Notas

Encerrou-se, ante-ontem, em sessão solene, no Teatro "Santa Rosa", o 1.º CONGRESSO DE MUSICA DO NORDESTE, promovido pela Sociedade de Cultura Musical da Paraiba.

Esse conclave constituiu um verdadeiro acontecimento nos anais de nossa história artística e teve a melhor repercussão em todo o País, atraindo a atenção da imprensa de varios Estados, inclusive da Capital da Republica.

Representantes de todos os Estados nordestinos estiveram em João Pessoa acompanhando o desenvolvimento dos trabalhos do plenário, bem como da programação artistica elaborada junto a este significativo certame musical.

O 1.º CONGRESSO DE MUSICA DO NORDESTE teve inicio no dia 3 do corrente, realizando todos os trabalhos e festividades no recinto do TEATRO SANTA ROSA, onde o povo não se cansou de aplaudir e estimular com a sua presença os nossos congressistas, pelo entusiasmo e espontaneidade com que levou a efeito essa grande iniciativa de arte.

Esse conclave, o primeiro a se efetuar no Brasil, veio elevar cada vez mais o nome artistico de nossa terra, a quem coube a ideia e a concretização de tão belo empreendimento.

O 1.º CONGRESSO DE MUSICA DO NORDESTE, se não atingiu a totalidade de seus objetivos no que dizem respeito aos trabalhos de reuniões plenárias, conseguiu criar, nesta cidade, um ambiente inteiramente artistico, dando ao povo a oportunidade de assistir a varias demonstrações de musica vocal, conferencias e audições de piano, estando estas a cargo da Escola de Musica "Santa Cecilia", dirigida pela professora Zulmira Botelho, dedicada mestra do ensino pianistico na Paraíba.

INICIO DO CONCLAVE

No dia 2 do corrente, ás 20 horas, no Teatro "Santa Rosa", local escolhido para a realização do referido conclave, houve uma sessão preparatoria, onde tomaram parte todos os congressistas.

Nessa reunião, que foi presidida pelo professor Afonso Pereira, presidente da SOCIEDADE DE CULTURA MUSICAL, foram discutidos varios assuntos, inclusive aprovação dos Estatutos, organização de comissões e distribuição de senhas aos participantes do certame

Estiveram presentes aos trabalhos os seguintes congressistas: drs. Afonso Pereira, Durval de Albuquerque, Claudio Lemos, academicos Carlos Romero, Bento da Gama e Juarez Batista, jornalistas Hamilton Pequeno, George Matos, maestros João Lucena, Francisco Pinto, Batista de Queiroz, professores José Meiri, Mario Gomes, sr Luiz Hugo e outros.

HOMENAGEADOS

Na reunião preparatoria do 1.º CONGRESSO DE MUSICA DO NORDESTE, foram escolhidos para PRESIDENTE DE HONRA, o governador Oswaldo Trigueiro, e HOMENAGEADOS DE HONRA os maestros José Siqueira e Villa Lobos. Para Patrono do Conclave a escolha recaiu em Frederico Chopin, em homenagem á memoria desse grande vulto da historia da Musica, cujo centenário vem sendo festejado, este ano, em todo o mundo civilizado.

O retrato de Frederico Chopin foi assm aposto no Palco do "Santa Rosa", entre as bandeiras Nacional, a do Nego e a da Polonia.

INSTALAÇÃO DO CONGRESSO

No dia 3 do corrente, ás 20 horas, teve lugar a reunião de instalação do 1.º CONGRESSO DE MUSICA DO NORDESTE, sob a presidencia do representante do Prefeito da Capital, dr. Edesio Rangel.

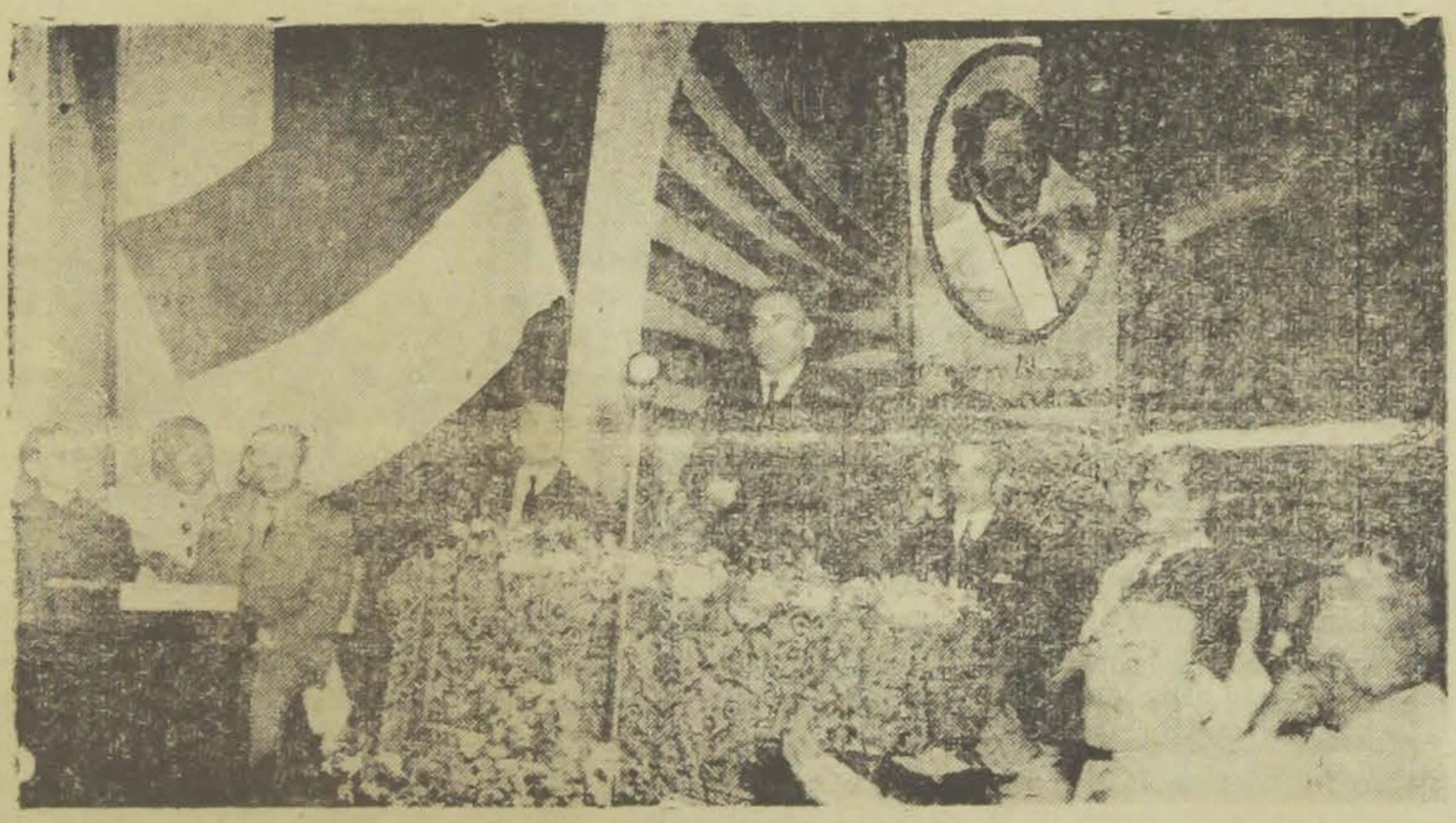
A esta solenidade, que se revestiu de brilhantismo, compareceu grande assistencia, além de autoridades e pessoas de destaque em nossos meios artisticos e sociais, falando varios oradores

A PROGRAMAÇÃO ARTISTICA

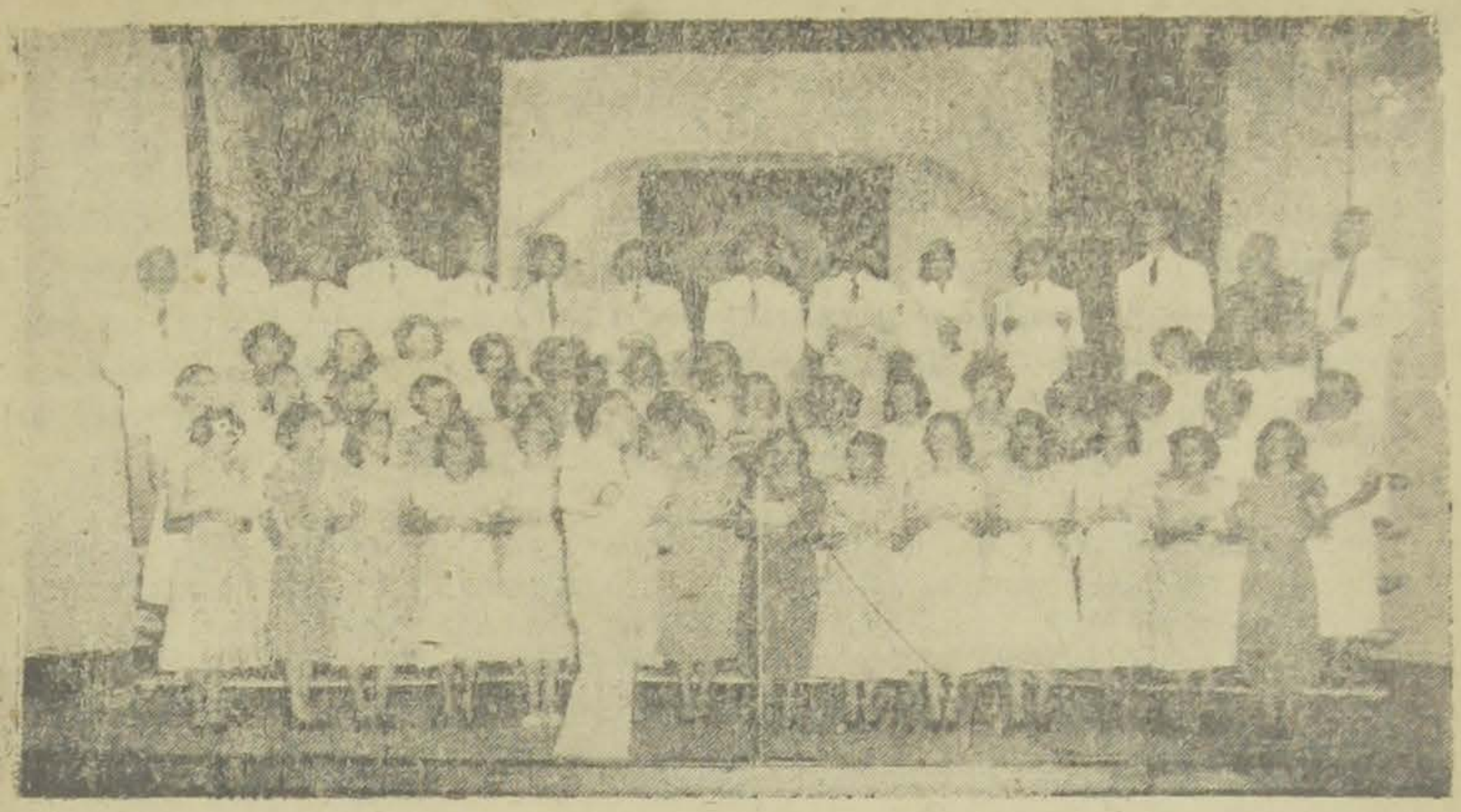
A programação artistica do 1.º CONGRESSO DE MUSICA DO NORDESTE teve inicio, no dia 4 do corrente, ás 20 horas, com uma audição da ESCOLA DE MUSICA "SANTA CECILIA", dirigda pela professora de piano Zulmira Botelho.

Esse estabelecmento de ensino musical alcançou o mais vivo sucesso, devendo-se ao mesmo grande parte do brilhantismo da programação artistica.

Varias alunas participa-



Solenidade de encerramento do 1.º CONGRES SO DE MUSICA DO NORDESTE, no Teatro Santa Rosa, vendo-se o governador Oswaldo Trigueiro quando se congratulava com os congressistas pelo êxito obtido nesse conclave



Constituiu nota de relêvo da programação artistica do Congresso de Música a audição da SCHOLA CANTORUM da Catedral Metropolitana. — O clichê acima fixa um flagrante da referida audição, sob a regencia do maestro José de Queiroz Batista.

ram dessa exibição de arte, destacando-se as srtas. Joria Toscano, Maria Marta Cavalcanti, Joseria Toscano, Zelia Meira de Menezes, Terezinha Miranda, Nurcia Kerbrie e outras.

No dia 5, ás 9 horas, em prosseguimento á programação artistica, apresentou-se o ORFEÃO "JESUS DE NAZARETH", sob a regencia do maestro João Lucena, mostrando o referido conjunto bastante harmonia e expressão.

A's 14 horas, regido pelo maestro pernambucano Miguel Barkokebas e Irmão Afonso Haus, realizou-se uma audição do ORFEÃO "CARLOS GOMES", do Colegio Marista do Recife, com 150 figuras.

No intervalo dessa audição, houve ligeira solenidade, quando foi entregue pela aluna Vera Lucia, do CONSERVATORIO PARAIBANO DE MUSICA uma estatueta de bronze, de Beethoven, ao maestro Miguel Barkokebas. Esta solenidade constituiu uma homenagem da Paraiba ao Estado de Pernambuco.

A's 20 horas, do mesmo dia, a "SCHOLA CANTORUM" da Catedral, apresentou-se numa audição que alcançou muito exito. Sob a regencia do maestro José de Queiroz Batista, o referido conjunto de arte, veio assinalar uma nota de brilhantismo na programação do 1.º CONGRESSO DE MUSICA DO NORDESTE.

Justos foram os entusiasticos aplausos dirigidos à "SCHOLA CANTORUM" da Catedral, pelo equilibrio e técnica com que executou os seus numeros.

No dia 6, precisamente, ás 9 horas, houve uma demonstração da BANDA DE MUSICA DA POLICIA MILITAR do Estado, sob a regencia do maestro Adauto Camilo.

A' noite, pronunciou, ás 20 horas, uma conferencia, o frei dr. Marcelo Gercken, professor de grego do Colegio de Ipanema, neste Estado, subordinada ao titulo: CONCEITO DE BELEZA NA ARTE.

O ilustre conferencista fez um estudo de carater filosofico sobre a interpretação de beleza e a posição da filosofia grega, medieval e moderna, no plano da arte.

A seguir, realizou-se uma audição do Coro da "SCHOLA CANTORUM", do Seminário, que pela primeira vez se apresentou no Teatro "Santa Rosa". Esse conjunto esteve sob a direção do padre José Fidelius e foi alvo de muitos aplausos.

Encerrando a programação artistica do 1.º Congresso de Musica do Nordeste teve lugar, uma ligeira audição de piano por parte da ESCOLA DE MUSICA "SANTA CECILIA" que mais uma vez assinalou incontestavel êxito.

Nessa audição, fizeram-se ouvir as alunas Terezinha Miranda, Joria e Joseria Toscano, Maria Marta Cavalcanti, Selma Lins e Maria Nurcia Kerbrie.

AS REUNIÕES PLENARIAS DO CONGRESSO

A primeira reunião teve lugar, ás 9 horas, do dia 4 do corrente, presidida pelo professor Afonso Pereira, representante da Paraiba, tendo falado os seguintes congressistas: Raimundo Gadelha, que dissertou sobre: A MUSICA E SUA EVOLUÇÃO HISTORICA; Pedro Marinho sobre: A TECNICA MUSICAL NAS COMPOSIÇÕES DE WAGNER; George Matos, Veiga Cabral, Luiz Hugo Guimarães, Mario Gomes e Pedro Paulo de Almeida.

Na segunda reunião, ás 15 horas, do dia 5 do corrente, sob a presidencia do congressista pernambucano Miguel Barkokebas, falaram o academico Carlos Romero, srs. Raimundo Gadelha, maestro Emidio de Macedo, dr. Afonso Pereira, srs. Domingos Ribeiro, Manuel Formiga e o representante do Ceará.

Na terceira reunião, realizada no dia 6 do corrente, sob a presidencia do representante oficial do Estado do Ceará, prosseguiram os trabalhos, tendo usado da palavra o jornalista George Matos, maestro Emidio de Macedo, srs. Domingos Ribeiro, Afonso Pereira e academico Carlos Romero.

No dia 7 do corrente, ocorreu a ultima sessão plenaria, onde foram ainda apresentados varios requerimentos relativos ao nosso desenvolvimento artistico, falando durante a mesma os professores João da Veiga Cabral, João Lucena, Afonso Pereira, Oliveira Carneiro da Cunha, sr. Elmano Cavalcanti de Farias, academico Carlos Romero, srs. Renato Lemos Diniz e Francisco Cabral, representante de Alagoa Grande.

Nessa reunião, contra um voto apenas, foi escolhida a cidade de Fortaleza para séde do 2.º CONGRESSO DE MUSICA DO NORDESTE, a realizar-se na primeira semana de setembro do ano de 1950.

A REUNIÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO

Realizou-se, no dia 7, ás 20 horas, a solenidade de encerramento do 1.º CONGRESSO DE MUSICA DO NORDESTE, a qual se revestiu de muito brilhantismo.

Os trabalhos dessa reunião foram presididos pelo governador Oswaldo Trigueiro, PRESIDENTE DE HONRA DO CONGRESSO, compondo ainda a mesa o dr. Ivaldo Falconi, Secretario da Educação e Saúde, major Camara Moreira, Assistente Militar do governador, dr. Edson Regis, representante d'A União, padre Epaminondas Araujo, além de outras pessoas gradas.

Iniciando a sessão, falou o dr. Afonso Pereira, que fez a resenha dos trabalhos do conclave, tendo salientado os 31 requerimentos discutidos e aprovados em plenario.

Usaram da palavra ainda os congressistas George Matos e Manuel Cavalcanti.

Em seguida, o governador Oswaldo Trigueiro pronunciou ligeiras palavras, aludindo á significação daquele empreendimento artistico, e congratulando-se com os congressistas pelo bom exito do referido conclave.

O Cinema e os Pares Imortais

HENRI MEMBRE

Há uma crise de assunto no cinema francês atual? Foi esta a indagação recentemente debatida por alguns críticos e autores mais competentes. Quase todos responderam afirmativamente, mas os pareceres divergiram quanto aos responsáveis por semelhante estado de coisas. Para uns o principal culpado é o produtor e já para outros é o exibidor, ou o público, ou ainda a nova vanguarda. Em resumo, as explicações não faltaram. Ora, é digno de nota vermos atualmente alguns dos melhores realizadores, diretores de cêna e cenaristas da França, e tambem do estrangeiro, voltarem-se para os "grandes assuntos", os assuntos clássicos do romance ou do teatro: Hamlet, Romeu e Julièta, Tristão e Isolda, Manon Lescaut. Devemos encarar isto como um atestado de crise de assunto, de pobreza de imaginação dos autores, incapazes de encontrar novos temas, puramente "cinema"? Ou não seria antes um sinal de que o Cinema se aproxima por fim, da maturidade e que, por conseguinte, anima-se, por sua vez a abordar os grandes assuntos que o romance e o teatro não puderam exaurir porque eles são inesgotáveis? Merece ser analizado, por exemplo, se andaram bem ou mal se demonstraram riqueza ou pobreza de imaginação, Cocteau renovando Tristão e Isolda em L'Eternel Retour, Prévert revivendo Romeu e Juliéta com "Les Amants de Verona", Clouzot a história de Manon Lescaut com "Manon". Assistia-lhes o direito de adaptá-los á estética do Cinema, de situá-los no mundo de hoje, em uma palavra, de transpô-los? Aqueles grandes temas de amôr eterno serão assuntos "tabus" e a sua modernização um sacrilégio? Ou pelo fato de serem eternos, e portanto de todos os tempos e de todos os lugares, tudo será permitido aos adaptadores? Em "Hamlet" e "Henri V" Laurence Olivier, apresentando a obra de Shakespeare com um realce diferente e com todos os recursos artificiais de que dispõe o Cinema, tomou deliberadamente a resolução de guardar uma fidelidade respeitosa. E escrupulosa. O que fez com que Pierre Véry dissesse: "Sim, Shakespeare foi escrupulosamente respeitado. Por certo, que infinitamente respeitado... Solenemente respeitado como um solene cadaver, ele, este homem vivo como um deus e que foi traído por excesso de respeito..."

Mesmo que Véry tenha exagerado, convenhamos que sempre existe um fundo de verdade. Primeiro, porque o Cinema é hoje uma arte emancipada e já tem o direito e o dever de se distinguir do teatro; segundo, porque no momento em que tanto se fala de crise de assunto no cinema, é uma capitulação querer representar Hamlet de um modo exatamente fiel. Seria mais confortador, mesmo correndo o risco de alguns lapsos, vermos talentos tão diversos, como os de Cocteau, de Prevert e Clouzot, tentarem a aventura da renovação de um grande tema clássico: o par imortal, a paixão fatal, o amôr indissolúvel. Quer se trate portanto de "L'Eternel Retour", dos "Les Amants de Verone", de "Manon", é sempre a dupla romantica em presença do amôr e da morte. E, se o quizerem, sempre o mesmo motivo, mas isto servirá de argumento para os que querem que haja uma crise de assunto no cinema francês? Shakespeare e Molière, Racine e Lafontaine não iam buscar os seus assuntos no patrimonio comum da literatura universal? E isto, tambem, provará que havia crise? Os assuntos clássicos não foram sempre os melhores? Tudo está na arte de tratá-los.

O PREMIO Romance de Aventuras foi agora conferido pela 14.ª vez. No segundo escrutinio foi atribuido ao Dr. Henri DAVID pelo seu romance "Jeux de Plomb" tendo alcançado votos Jacques Ouvrard com "L'Assassim est dans le couvent". Henri David pertence a familia originaria das Antilhas e nasceu em Tolosa em 1911; seu Pai foi durante longos anos deputado por Tolosa.

PINTURA DE CHIRICO — OS CAVALOS

ANTOLOGIA POETICA DA NOVA GERAÇÃO

ORGANIZADA POR FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

I

AFONSO FELIX DE SOUSA

AFONSO FELIX DE SOUZA nasceu em Goiás, em 1925. Em 1946 fundou com outros escritores da nova geração goiana a revista AGORA. Publicou O TUNEL, caderno de poemas recentemente lançado pelas EDIÇÕES ORFEU.

SONETO DO AMANTE

I

DO AMOR E PARA O AMOR, SEGUIR SEGURO
DA FÔRÇA DE VIVER QUE CLAMA E TRAGO
NO SANGUE, NAS PALAVRAS, NO MAIS PURO
DOS GESTOS DA LEMBRANÇA ENQUANTO APAGO
OS VERSOS QUE ESCREVI, NOS QUAIS PROCURO
EM VÃO OS QUE ESCUTAVA E APENAS VAGO
VAGIDO DO INDIZÍVEL ROMPE O ESCURO
SILENCIO QUE ME ESMAGA QUANDO O ESMAGO.
DO AMOR E PELO AMOR, PARAR CANTANDO
OS QUE MORRERAM LOGO QUE NASCERAM,
OS QUE FICARAM FUNDAS CHAGAS NA ALMA
E A TI QUE O QUE PERDI ME ENTREGAS QUANDO
À SÊDE ONDE OUTRAS SÊDES PERECERAM
ENTREGAS COM TEU CORPO A FEBRE E A CALMA.

SONETO DO AMANTE

VIII

ETERNIZAR O AMOR QUE FÔRA ETERNO
EMBORA SÓ VIVESSE DOIS INSTANTES:
UM QUANDO AO CÉU ME ALÇOU — A *UM* CÉU SEM
[ANTES;
DEPOIS, AO ACENDER EM MIM O INFERNO.
BANIDA DO PRESENTE, EM LAGO TERNO
VOLTES A ME BANHAR E DESENCANTES
O MAR QUE CLAMA EM VÃO, DE ONDAS CORTANTES
PARTINDO DO MEU SER, BANHADO O ETERNO.
ETERNIZAR O AMOR DE UM SÓ MOMENTO
E QUANTO MAIS PERDÊ-LO MAIS GANHÁ-LO.
E QUANTO MAIS GANHÁ-LO MAIS ALENTO
TRAZER NO QUE RECORDO E NO QUE FALO,
PARA QUE POSSA, EM FEBRE E EM SENTIMENTO,
EM MÁRMORE E EM SAUDADE, ETERNIZA-LO.

SONETO ELEMENTAR N.º 4

NÃO MAIS VEREI NAS PAISAGENS TRÊMULAS
DA TARDE *OU* DA MANHÃ FLÓCOS DA INFANCIA.
OUTROS SÃO OS CAMINHOS, ALGUNS DELES
PENETRAREI — JÁ GASTOS OS SENTIDOS.

O SANGUE INDA A GRITAR, RIOS QUE ROLAM
SÔBRE AUSÊNCIAS DE AMADAS. MAS INFORMES
LUZES INDICAM O CAMINHO UNICO,
COM SUBSTANCIAS DA AURORA CONSTRUIDO.

QUE UMA PORTA SE ABRA ENQUANTO ESPERO.
FRÁGEIS SÃO AS CORRENTES QUE ME PRENDEM
AOS QUE NÃO SE CONFORMAM COM A FERRUGEM

DO LEITO QUE OS SUSTENTA. SÔBRE RASTROS
DE CARNE E ESPINHOS CONTÍNUO. E, CLARO,
ANTES DO MAR DO SONO, *UM* PÔRTO ACENA.

SONETO ELEMENTAR N.º 8

A FRED PINHEIRO

ROLAR NO ABISMO, AO NADA MISTURAR-SE.
TER SIDO COISA E A COISA REVERTER-SE.
NÃO MAIS O ARDOR DO SANGUE E DOS POEMAS,
RIOS DE FOGO PRESOS NA LEMBRANÇA.

MORTOS OS MITOS, MESMO A AZUL IMAGEM
DE IRENE AO CÉU SUBINDO — SUCUMBIDA.
BENÇÕES DE MÃE, ADEUSES ENTRE BEIJOS,
HORIZONTES E AMADAS — TUDO MORTO.

DEPOIS SOMBRA PARADA E O MAR SEM ILHAS.
TER SIDO E NÃO SER MAIS, AR DILUIDO.
PÊNDULO ENTRE OS LIMITES DOS ESPAÇOS.

O TEMPO E A ETERNIDADE SÔBRE O MAR
TODO AZUL DO INFINITO QUE NÃO MORRE,
POIS LEVAMOS EM NÓS O CÉU DA INFANCIA.

SONETO ELEMENTAR N.º 14

SÚBITO AS MÃOS PARARAM
NA ÚLTIMA TENTATIVA
DE UM GESTO QUE ACORDASSE
AS SOLIDÕES DO DESERTO.

JÁ INÚTEIS MEUS BRAÇOS
CAÍRAM ANIQUILADOS.
OS PÁSSAROS PERECERAM
SEM O CALOR DOS NINHOS.

ENTRE AS FLORES LACERADAS
IA ROLANDO E COMIGO
O MUNDO EM CHAMAS DE SANGUE.

MAS DO OUTRO LADO DO ABISMO
OS MORTOS RESSUSCITAVAM.
E ACONTECEU TERESA.

EMBALO

ONDE QUER QUE ESTIVERES
ENTREGUE OU FUGITIVO
VERÁS O QUE NÃO QUERES
NA MORTE E NO ESTAR VIVO.

ONDE QUER QUE BANHARES
A CARNE E OS PENSAMENTOS
VIRÃO DE OUTROS LUGARES
BANHAR-TE OUTROS MOMENTOS.

ONDE QUER QUE DORMIRES
SERÁ TEU SONO PRECE
QUE SOBE EM ARCO-IRIS
E SEM QUE CHEGUE DESCE.

DO SONHO E DA ESFINGE

SER EU NO PENSAMENTO
VOLTANDO EM FUNDOS RASTROS
QUE EM MIM DEIXOU O AMOR.

O AMOR DE QUE SE NUTRE
A LOUCA, A ESTÉRIL MÚSICA
NO SONO E NO VAZIO.

EM VÃO PEDIR À ESFINGE
A MORTA SUBSTÂNCIA
QUE UM DIA FÔRA RISO.

EM VÃO COLHER NO SONHO
ESPELHOS DERRAMANDO
AS FONTES JÁ PERDIDAS.

OUVIR... QUE PUNGITIVO
O AMOR QUE FÔRA OUTRORA
A MÚSICA DE UM CORPO.

TEU CORPO —
A SÊDE —
A FUGA.
DESENHO EM SOL E AREIA
DE AUSÊNCIAS E DE CHAGAS.

CANÇÃO

ALÉM DE MIM TE PERCAS
MAS NUNCA EM MEU SILÊNCIO.
MÃE VENTO VEM, TE LEVA
A ILHAS ENTRE BRUMAS
E OLHAS — FRÁGEIS BARCOS
VOGANDO NO IMPOSSÍVEL
SOSSOBRAM ANTE O OCASO
DE MUNDOS QUE NÃO ÊSTE.
MUDO AMOR, LÁBIOS MUDOS,
MAS NÃO FLOR A FECHAR-SE
AO LÁTEGO DA NOITE.
O TEU SILÊNCIO — Ó NUNCA
O MEU SILÊNCIO SEJA:
NÃO SEJA DO OCEANO
CANSAÇO DE PROCELAS,
ÚLTIMO OLHAR DE NÁUFRAGO
EM FLOCOS DE SAUDADES
QUE ACORDAM NO MEU PEITO.
ONDE O AZUL? POBRE VÔO
OS ANJOS NÃO ALCANÇA
E SEM RUMO SE PERDE,
AMIGA. EM TEU ENCANTO.
CREPÚSCULO SANGUÍNEO
TUA PRESENÇA APAGA
E VEM DO MAR, DO VENTRE
DO LONGE E DAS ESPUMAS,
O PRANTO DE MEU FILHO.
NÃO FÔRA TEU ENCANTO
E ACABARIA A ESPÉCIE
COMIGO, COM MEU SONO.
AH. FÔSSE O MUNDO MEU
O ESPAÇO DE TERNURA
QUE HÁ ENTRE NÓS DOIS.

O Menor Jornal do Mundo

OS politicos brasileiros precisam compreender que a presidencia do Brasil, neste momento, não é lugar onde se vá buscar a saturação de todas vaidades, nem espaço vital de interesses subalternos.

N. 140 - BELO HORIZONTE (Brasil), 31-7-1949 — ANO 3

O Governador Milton Campos subscreveu-se como benemerito do Menor Jornal do Mundo

O Governador de Minas S. Campos, o ilustre jurista que no governo do Estado de Minas está fazendo uma administração consentânea com as normas de equidade e de justiça, despertando ecôimos dos próprios adversários, subscreveu-se como benemerito deste micro-jornal com a singnificativa importancia de Cr$500,00 que deu para VOSSA SENHORIA a titulo de auxilio para a manutenção patriotica do menor jornal do mundo.

Ao Governador de todos os mineiros agradecemos tão valioso e oportuno auxilio.

Um grande jornal, nem sempre é, pelo tamanho. Eis aqui o menor jornal do mundo, em tamanho, porém que, assim mesmo se impõe diante dos seus numerosos leitores.

Não é sensacionalista, pois, ninguém encontraria sensação em tão minusculo pedacinho de papel, com apenas 10 centimetros de tamanho por 642 de largura. Mas, a sua utilidade é um fato. Seu interesse vai aos grandes problemas nacionais. Ei-lo guindado ao priblema sucessorio, estampando um "cliché" do governador Milton Campos. Pode fazer grandes campanhas, sem provocar grandes iras. Enfim, um jornal. Chama-se "Vossa Senhoria" e é editado em Belo Horizonte.

"Na Espadana Branca"

SOBRE OS NOVOS ARTISTAS PLÁSTICOS

Que pensa dos nossos novos artistas plásticos? Responde o pintor paraibano Santa Rosa.

— "O que os nossos artistas revelam, em geral, é, sem dúvida, muito talento. Todos aprendem com rapidez coisas e sistemas, que a mentalidade de outros povos, como tenho testemunho entre alunos, é muito mais penoso e lento.

O que um brasileiro aprende em alguns momentos de palestras, ou mesmo na primeira leitura de uma página de livro, custa a um estrangeiro uma semana ou mais. Há, porem, graves prejuizos nessa forma de inteligencia. E' que pouco cousa fica, pouco cousa se sedimenta formando uma sólida estrutura. Daí um certo ar de leviandade em que si tudo o que fazem, as marcas de uma compreensão superficial dos problemas, os sinais de um amadorismo inconsequente respondo tudo.

Essa razão do número de artistas com preocupações descritivas e a quase absoluta ausencia de espirito critico, ou de conhecedores do "métier".

O que é especulativo, o que exige um maior número de conhecimentos, tudo aquilo que pede um pouco mais de profundeza é de certo modo afastado, recusado por esse espírito de rápidas conquistas. O resultado é grave. Não chegaremos a criar um estado de elevação intelectual compativel com o nosso desejo de criação. Assim, as informações de revista, os assuntos ilustrativos interessam, em sua maioria, mais do que a experimentação dos problemas.

Não os culpemos de tudo. A administração não os ajuda dando-lhes escolas e bibliotecas, bons professores e museus. Essa indisciplina, esse ímpeto desabrido, essa simpatica presunção que os sustenta provem da ausencia desses centros de instrução, organizadores de uma mentalidade objetiva.

Em verdade, eles tem razão. E' o secreto desejo de criar que os torna assim entregues a si mesmos, rebeldes, esquecidos de que a "arte é uma técnica", dura técnica, formada no batente quotidiano. Porém, que fazer quando as melhores iniciativas, aquelas ás quais eles acorreram desejosos de conhecimentos, foram abandonadas como de pouco utilidade? O que fizeram os administradores iluminados cerrando as portas da Universidade do Distrito Federal e dos cursos de arte da Fundação Getúlio Vargas sómente pode ser avaliado na razão do abandono em que vivem os jovens estudantes de arte".

GOETHE
DE ALBERT SCHWEITZER

Pondo em evidência o caráter profundamente de cultura e divulgação com que prepara seus lançamentos e dispõe seu programa editorial, EDIÇÕES MELHORAMENTOS acabam de publicar GOETHE, de Albert Schweitzer, no ano mesmo em que se comemora o segundo centenário do grande poeta

Todavia não pára a atividade daquela editôra no programa elaborado para festejar efeméride cultural. O volume ora lançado é numero I da COLEÇÃO GOETHIANA no qual figuram, além de estudos sôbre a figura e a obra do gigante de Weimar, também duas de suas mais tipicas tragedias: "Clavigo" e "Estela".

A tradução do trabalho que ora aparece foi confiada ao conhecido estudioso da literatura germanica prof. Pedro de Almeida Moura. Trata-se de um discurso pronunciado pelo renomado autor de "Decadência e Regeneração da Cultura" na casa onde nasceu Goethe. É um estudo acurado, meditado e tão exato e fiel quanto seria possivel esperar do tempo, da pessoa, da obra e da cultura de Goethe.

ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS

Reeleito Presidente o Dr. Oscar de Castro — Reconduzidos para o biênio 1949-1951, os demais componentes da Diretoria

De conformidade com edital publicado pela imprensa, reuniu-se, quinta-feira ás 20 horas, em sessão de Assembléia Geral, a Academia PaPraibana de Letras, sob a presidencia do dr. Oscar de Castro, vendo-se ainda presentes os académicos Higino Brito, J. Floscolo da Nobrega, A. Rocha Barreto, mons. Pedro Anisio, João Lelis e Durwal de Albuquerque, e por procurações representados pelo académico Oscar de Castro, os confrades Hortensio Ribeiro, Lopes de Andrade, Epaminondas Camára, Coriolano de Medeiros, Celso Mariz e padre Marcel Otaviano, e representados pelo académico João Lelis, os académicos Osias Gomes e Alvaro de Carvalho.

Procedida a eleição, pelo sistema do voto secreto, verificou-se o seguinte resultado, devidamente fiscalizado pelos membros escrutinadores mons. Pedro Anisio e A. Rocha Barreto: para presidente dr. Oscar de Oliveira Castro; vice-presidente, desembargador J. Floscolo da Nobrega, 1º secretário, dr. João Lelis; 2º secretário, dr. Durwal Albuquerque; bibliotecário, J. Veiga Junior; tesoureiro, dr. Alvaro de Carvalho.

Encerrando a sessão, o presidente reeleito agradeceu, em seu nome e no dos seus companheiros tambem reconduzidos aos postos que vinham ocupando, a confiança depositada pela Casa, tendo o confrade A. Rocha Barreto proposto uma salva de palmas em homenagem ao presidente Oscar de Castro.

UMA EXPOSIÇÃO DE REVISTAS

Os cartazes estão anunciando para breve, nesta capital, a realização de uma exposição de revistas culturais, ultimamente aparecidas no pais.

Vai ser um acontecimento interessante. O leitor, ao contemplar as inumeras revistas expostas, no HALL do Teatro SANTA ROSA, verá que o movimento literário brasileiro cresce da noite para o dia.

A maioria dessas publicações é dirigida por gente nova, rapazes que ainda não atingiram a casa dos 30, mas que entraram nas letras com muito entusiasmo e força.

Na Bahia, realizaram uma exposição dessa natureza, com grande sucesso. Puzeram no mostruario revistas de todo o tamanho e de quase todos os Estados.

Vamos fazer o mesmo aqui na Paraiba. Mostrar aos paraibanos a significação do atual movimento editorial dirigido pelos jovens escritores. Afora as revistas e jornais literarios, haverá uma secção de livros. Livros estes editados pelas respectivas revistas.

Muita gente terá assim uma oportunidade de conhecer revistas como ORFEU, REGIÃO, QUIXOTE, REVISTA BRANCA, BANDO, JOAQUIM, ILHA, CLA, ESTUDANTES, FUNDAMENTOS, COLEGIO, SUL, etc.

O Poeta de sua Geração

CEZARIO DE MELLO

EM simpática edição da revista ORFEU, acaba de ser publicado O DESERTO E OS NUMEROS, livro de estréia do jovem poeta pernambucano, o sr. Edson Regis. Estréia que conquista para o autor um lugar merecido entre os maiores poetas da "novissima" geração.

A sua poesia não só foge, deliberadamente á preocupação formalista de sugestionar pelo expressionismo verbal, como não procurou acastelar-se em isolamento preconcebido, envolta de um esoterismo exacerbado. Nela há uma profunda tranquilidade, a ação transformante e unificante de uma realidade misteriosa, a manifestação do inefável, a presença do inexprimivel, caracteres fundamentais da verdadeira poesia.

Não se fascinou o poeta Edson Regis pelo falso brilho da eloquência, com os efeitos pirotécnicos de certas palavras de sonoridade equivoca, com as intenções dramáticas que parecem valorizar o verso. Muito ao contrário, revestido dessa graça de que são possuidores os poetas, os santos e os profetas deixa que a sua "mediunidade" formule o informulável. Todos os seus versos estão impregnados dessa "penetração" do inefável — presença do mistério criador". Ele mesmo traça o seu itinerário poético nesta estrofe tranquila e de rara beleza:

"Esta é a palavra
de limpida fonte,
precisa como o sábado
nitida e leve
como pura lágrima,
lenta, rolando
pela face:
liga teu verso
a ti mesmo
que é o céu noturno
será mais puro,
embora um mistério".

A sua comunicabilidade não se faz, porém, numa frieza de marmore, vazia de expressão artistica, despida de sentimentalidade como a árvore desfolhada do outono. Há nos seus poemas um estado emocional permanente, uma sucessão encantadora de imagens inundas do seu subjetivismo exaltado, uma musicalidade em surdina, um fluido misterioso que transfigura as palavras mais pobres de sentido e nos põe em comunicação com Deus e o infinito.

Na CANÇÃO DA VILA, um dos seus mais belos sonetos, o poeta deixa transubstanciar a sua alma dolorida, num lirismo emotivo, envôlto na bruma da saudade. Inicia-o com êste quarteto de intensa suavidade:

"Uma canção singela
nesta noite tornou-me
[todo misteriosamente:
foi a canção que ouvi há
[muitos anos
na vila onde passei a mi-
[nha infancia".

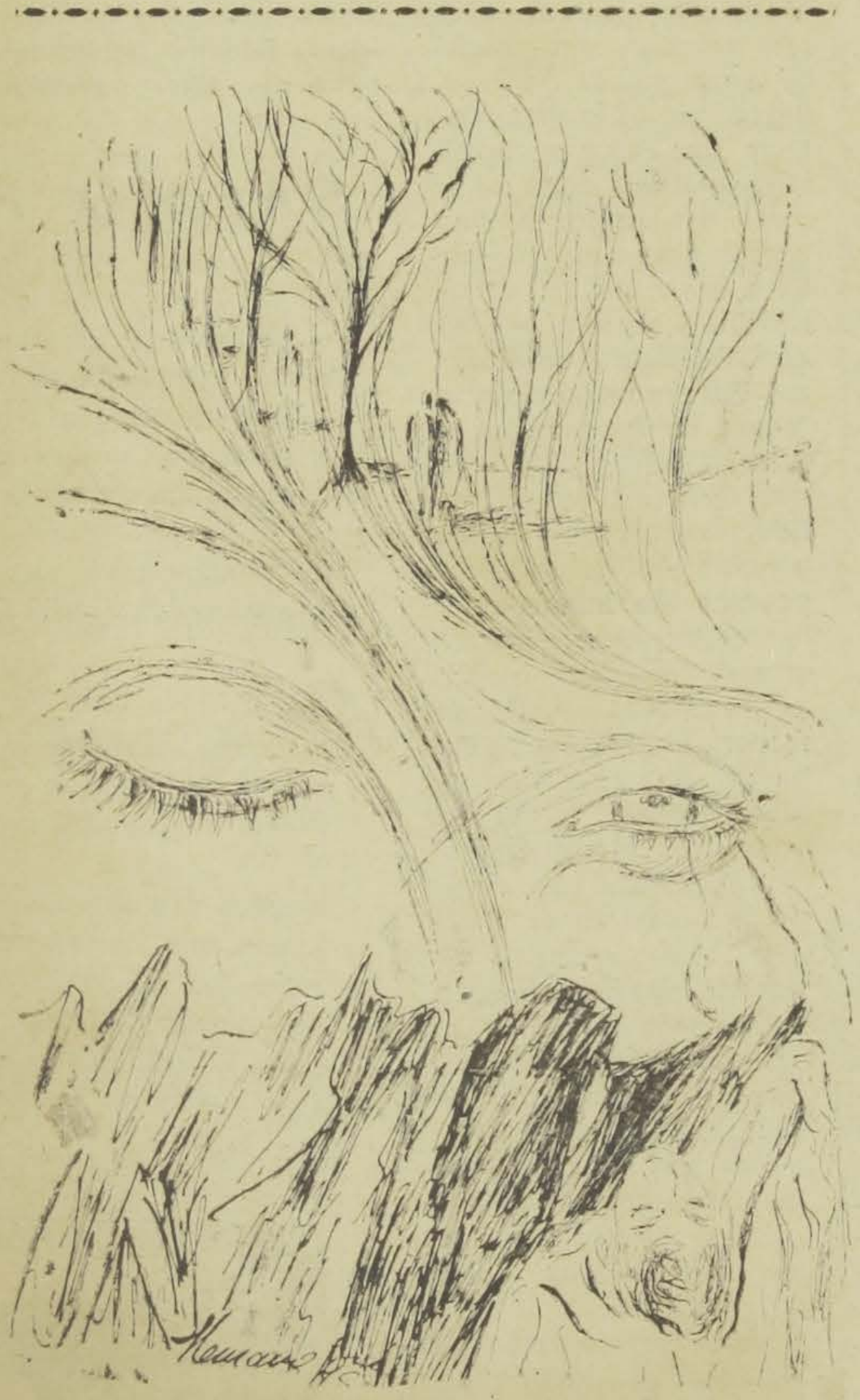
E fecha-o pondo nesses últimos versos tôda a despreocupada felicidade que ficou com a sua in-
[fancia] á distancia:
"Canção da vila, deixa
[meus ouvidos,
tu és a minha vida de
[menino
o tempo que voou no
[gramofone".

Quem não sente a harmonia, o acalento misterioso dêsses versos, a sua musicalidade acariciadora, o valor estilistico das palavras, essa noturnidade envolvente?

A poesia do sr. Edson Regis é tôda ela feita em arminhos, num mistico silêncio, buscando sempre a sensibilidade do coração humano, atendendo ao chamamento do seu interior, ao mágico recolhimento de sua alma. Não é o vos:churico dos apetites materiais é a prece comovente que povoa o silêncio do espirito recolhido. Há na sua obra artistica uma unidade de expressão, um só caminho de revelação poética: o seu mundo subjetivo tocado pela graça demiurgica que é a razão de ser da própria poesia.

O poeta de O DESERTO E OS NUMEROS não se deixa preocupar com as trágicas coisas sociais apenas sente á maneira "rilkeana" que o mundo não lhe satisfaz que para êle não há salvação fora da poesia. No POEMA SEM IRA se encontra a sua náusea pela tragédia do mundo, os seus entrechoques, os sues dramas decepcionantes. E o poeta se vê prêso a essa fonte maligna, êle e os seus companheiros de geração.

"Cativos da fonte
— são muitos comigo
perdidos vagamos
de noite e de dia.



DESENHO DE HERMANO JOSÉ PARA O CONTO "A PONTE," DE KAFKA

Manhãs vão passando.
na noite ficamos,
Já transfigurados
as horas não **vemos.**

Canticos da fonte
sem rumo, perdidos
no entanto calados,
sem ira nenhuma.

Há no sr. Edson Regis o sentido heróico da vida, uma grande capacidade para o sofrimento um sofrimento interiorisado, inquietação de artista que em seu estado subjetivo abarca todo o sofrimento do mundo. Ele diz:

"Duas faces vejo
no poema do tempo,
uma, que se esconde
no labirinto do sonho;
outra, exposta
ao suicidio dos homens.
. . . . . .
Contudo nada
permaneço. Como
sempre atônito.
De manhã meu reino
se desfaz em folhas
pela noite desço,
sonho as tangentes
que me destinaram".

No soneto A BUSCA o poeta mostra que ainda não realizou o seu destino.

"Pelos campos da noite
te busquei, ouvindo tua-
[voz no meu passado.
Surgiu a aurora e me en-
[controu cansado
e nos campos da noite
[não te achei"

Todos os caminhos de reconciliação do poeta com o mundo estão pendidos em O DESERTO E OS NUMEROS. Foram tragados pelo espesso nevoeiro dessa noite para a qual não existe madrugada noite caliginosa e sem estrelas que envolveu a sua geração marcada pelo destino e aniquilou dentro do coração dos jovens de menos de trinta anos tôdas as possibilidades criadoras do futuro. E por isso:

"Na fria areia
o primitivo gesto
do poeta dorme
Asas lhe faltam,
á terra está prêsa.
Noite de ferro
pesa nos seus braços".

Nesses versos, e sua grandiosidade poética, o seu intenso lirismo, a sua grande musicalidade, não conseguem ocultar o imenso drama que conturba o coração do poeta, a sua brutal decepção em não possuir asas com as quais se libertasse da prisão terena. E' profundo o sofrimento do poeta prisioneiro do mundo, amesquinhado, dilacerado por tantas lutas interiores, a olhar, noite a dentro, para a estrada de sua fuga que o conduz ao subjetivismo de seus poemas, no "silêncio que é cultivado até a aurora". Nenhuma pespectiva vislumbra por detrás das montanhas. O seu amanhã será vasto de esperanças. Será, apenas, um grito da natureza "que surge e lembra no horror da noite um corpo de criança balançando e prêso entre a vida e o abismo". O amanhã não trará á revelação desejada e se derrama infecundo no silencio "sôbre as frias areias e entre musgos".

O livro do sr. Edson Regis me fascina e me pertuba. Ao ler os seus **poemas tão intensamente** poéticos, tão ricos do inexprimivel, tão palpitantes dessa realidade misteriosa, me sinto despregar da terra e caminhar por um fio de luz para uma região desconhecida, onde "as jovens mulheres do amor sem sentido são numeros vivos no deserto imenso".

Deixo-me dominar por um sentimento drumoniano e sinto com o poeta tôda a sua grande tristeza a sua incapacidade de compreender as tragédias sociais, procurando no deserto a calma infinita.

A grandeza poética, a profunda unidade emocional e a artistica de O DESERTO E OS NUMEROS colocam o seu jovem autor como o poeta de sua geração.

Voto de Aplausos pela Criação do Suplemento "CORREIO DAS ARTES"

O GOVERNADOR Oswaldo Trigueiro recebeu do prof. Afonso Pereira, presidente da Sociedade de Cultura Musical da Paraíba, o seguinte **oficio:**

"Senhor Governador:

Tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que, durante os trabalhos da 1.ª Sessão Plenária do PRIMEIRO CONGRESSO DE MUSICA DO NORDESTE, nesta data realizada, foi unanimimente aprovado um voto de aplauso à esclarecida orientação do Governador do Estado, apoiando e prestigiando a iniciativa dos jornalistas drs. Silvio Pôrto e Edson Regis, respectivamente diretor e secretário do Diário Oficial do Estado, a "A União", da criação e regular manutenção do suplemento dominical "CORREIO DAS ARTES", que tão brilhantemente vem liderando e estimulando as novas atividades artisticas e culturais da nossa terra, ao mesmo tempo que projetando essas atividades no plano do cenário intelectual do País.

Transmitindo êsse expontâneo voto de aplausos, aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência a segurança da minha alta estima e consideração.

as) **AFONSO PEREIRA DA SILVA — Presidente".**

S'ALMO PROIBIDO

MARIO GOMES

O CRUZEIRO DO SUL ABRIU OS BRAÇOS
O CRISTO DO CORCOVADO ABRIU TAMBEM
AMBOS FITARAM-SE
E PROCURAM NO INFINITO A "POMBA BRANCA"...
A SIMBOLICA AVESINHA DE NOE' ESTAVA ENCAR-
[CERADA
OS MOLEQUES DA RUA JOGAVAM-LHE PEDRADAS
E ARRANCAVAM-LHE DO BICO O "RAMO DE OLI-
[VEIRA".

O CRISTO DO CORCOVADO PEDIU-LHE DE NOVO
QUE O CRUZEIRO DO SUL LHE SERVISSE DE BERÇO
POQUE OS HOMENS RASGARAM A MAIS BELA PA-
[GINA DO EVANGELHO...
AQUELA QUE CONDENAVA O FOGO...
E POR ISSO, O ESPIRITO DE DEUS CONTINUOU
PAIRANDO SOBRE AS AGUAS
E ESCREVEU NO ESPAÇO
PARA O REMORSO DOS LOUCOS:
PAX HOMINIBUS BONAE VOLUNTATIS

Unidade de Murilo Mendes

OTTO MARIA CARPEAUX

O primeiro volume de versos de Murilo Mendes chama-se Poemas; o último, por enquanto, chama-se Poesia Liberdade. Os títulos dos volumes publicados entre aquele primeiro e este último são todos êles muito expressivos: A Poesia em Pânico; O Visionário; Metamorfoses; Mundo-Enigma. Evidentemente Murilo Mendes sabe acertar. Contudo, o primeiro título e o último me parecem os mais expressivos de todos Poemas, isto é a própria poesia "sans phrase", sem definição; Poesia Liberdade, a própria definição da poesia.

POEMAS é um volume curioso, que aliás já se tornou raridade bibliográfica, uma espécie de folheto mimeografado com particularidades esquisitas de ortografia, datado do ano revolucionário de 1930, e é mesmo um livro revolucionário, documento de uma revolução de todos os conceitos literários, do momento em que à fase destrutiva do modernismo se sobrepõe a fase da reconstrução dos valores. Mas não é só documento. E' um dos grandes livros de poesia em língua portuguesa, um daqueles que faz sentir dolorosamente os limites de divulgação do idioma. Urge reeditar esse volume, queira ou já não queira o poéta.

Certamente, êle superou depois aquela fase inicial. Amadureceu muito. Mas aí já está todo Murilo, e é uma expressão nova da literatura brasileira. Abrem o volume poesias satíricas, muito ao gosto do modernismo, uma paródia da Canção do exílio, em cujo último verso canta "um sabiá com certidão de idade", enquanto a estrofe "filogeográfica" do poema —

Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil reis à
[dúzia" —

se nos apresenta hoje com ares de profecia apocalíptica. A inteligência formidável de Murilo Mendes, da qual a sua poesia satírica é um dos aspectos inesquecíveis, está porém muito acima das "blagues" contemporâneas. A paródia do necrológio em estilo de jornal de provincia --

"... morreu vítima de pertinaz molestia
que zombou dos recursos da
[ciência
ao enterro compareceram pessoas de destaque' —

é mais do que uma piada, é o fim natural e nada triste do triste sabiá com certidão de idade, que representa o mínimum de progresso administrativo dentro de um maximum de desordem generalizada. Em peças como Marinha e Família russa a poesia satírica de Murilo Mendes chega a esboçar um mapa do Brasil. Depois já não surpreende a profunda tristeza, as veleidades destrutivas de poemas como Idílio unilateral, Canto do novo, O Homem, a Luta e a Eternidade. Os dois lados (com aquele verso definitivo: "... as colunas da ordem e da desordem"), enfim MAPA:

"...Estou
limitado ao Norte pelos sentidos, ao sul pelo medo,
a leste pelo apóstolo São Paulo,
[a oeste pela minha educação'.

E' mais um mapa do Brasil, no meio o poeta ("Estou..."), ladeado pelas "colunas da ordem e da desordem" — e é um livro completo.

Particularmente, é um livro homogêneo, apesar ou em consequência da mistura de poesias satíricas e de poesias de dramaticidade apocalíptica. Como seria possível outra poesia no Brasil de 1930, país do "sabiá com certidão de idade"? Não é por acaso que êsse pássaro canta na primeira página do volume POEMAS:

o sabiá com certidão de idade
é o bicho heráldico do país do
qual esse poeta, ladeado pelas
"colunas da ordem e da desordem", partiu procurando o país
sem idade sem tempo. São,
aquelas colunas, os marcos mi-
liares do caminho acidentado da poesia de Murilo Mendes. Acompanhando-lhe o caminho, o leitor lhe descobre a unidade da Obra, à condição de pôr em ordem a cronologia das obras. Conforme as indicações nas folhas de rosto, a edição de POEMAS é de 1930 Tempo e Eternidade (em colaboração com Jorge de Lima) de 1935, A Poesia em Pânico de 1938, O Visionário de 1941, Mundo-Enigma de 1942; logo depois, sem data, Metamorfoses; e Poesia Liberdade de 1947. Mas os sub-títulos rezam de maneira diferente: Poemas, 1925-1929; O Visionário, 1930-1933; Tempo e Eternidade, 1935; A Poesia em Pânico, 1936-1937; Metamorfoses, 1938; Mundo-Enigma, 1942; Poesia Liberdade, 1945. O segundo volume de versos de Murilo Mendes é portanto O Visionário; e aí, nessa desordem cronológica, está uma chave para a compreensão da obra.

"Eu quis acender o espírito da
[vida.
Quis refundir meu próprio mol-
[de...",

assim canta "o visionário", e com efeito O Visionário é uma refundição do molde tão admiravelmente transfigurado em poesia nos Poemas: estudo mais pormenorizado do que pode ser este revelaria a correspondência entre cada um dos poemas do Visionário e cada um dos Poemas. Apenas não se trata de repetição e sim de "refundição" em nível diferente, ao qual os críticos deram o nome de "fase surrealista". A definição talvez não seja muito exata: Murilo Mendes foi surrealista, sim, no sentido restrito em que Marcel Raymond situa Jouve — uma das grandes admirações de Murilo Mendes — à margem do surrealismo. Quando muito, pode se afirmar que aos surrealistas, a Jouve e a Murilo Mendes a realidade apresenta o mesmo lado. E

"o tipo acabado do sujeito
que não arranja nada nesta
[vida",

essa figura chaplinesca que escrevera os Poemas reaparece no Visionário

"ligado aos mártires, aos assassinos, aos anarquistas".
[
Antes, esperava que
"meus olhos verão a luz da perfeição e não haverá mais
[tempo";
agora sente-se envolvido numa
[vertigem
"Sem princípio, meio ou fim".
E as "almas despedaçadas" que em POEMAS só apareceram como objeto de "Preludio", no VISIONÁRIO compõem a alma do poéta, descrente rezando:
[

"O' Deus, se existis, juntai minhas almas desencontradas".

A repetição num nível superior, superior porque mais "realístico", é a própria lei de evolução — "se existe" lei — do poéta Murilo Mendes, garantindo-lhe a unidade da obra entre "as colunas da ordem e da desordem". Observa-se o fenômeno em Tempo e Eternidade, solução que já parecia definitiva: as "formas" que perseguiram o autor dos POEMAS transubstanciaram-se milagrosamente em forma minúscula contendo no entanto tudo e confida porém no poéta: a eucaristia (Salmo); e aquele "tudo" renasce milagrosamente reunindo as "mil vidas superpostas", as "mil angústias desdobradas" (Vocação do Poéta) em uma alma, preparada para receber a eucaristia e o mundo: alma "encontrada".

A condição desse equilíbrio encontrado é a "condição humana": a instabilidade. A poesia justamente não pode identificar-se com a "prière" porque as condições são diferentes: ali a calma perfeita da qual Vocação do Poéta fala, aquí a possibilidade permanente de novos desencontros, de angústia, de pânico. A "poesia em pânico" reflete essa relação entre "tempo e eternidade" numa imagem admirável:

"Maria do Rosário estendida
[no caixão

Toda vestida de branco aos
[vinte anos,
Está cercada de angélicas e de
[moscas".

A Poesia em Pânico enche as visões do Visionário de paixão destrutiva dos POEMAS; visões surrealistas, mas já "refundidas" pelo contacto com a realidade igualmente hostil: com as "moscas". Não é possível contorná-la. E' preciso passar por lá. Mais uma vez o poéta acertou, dando ao seu próximo volume de versos o título de Metamorfoses.

Dêsse volume só será preciso citar os versos

"Amo, vivo, luto e morro
Para realizar com todos
A transubstanciação de elementos" — para reconhecer-se o poéta de Tempo e Eternidade, novamente em caminho, procurando a

"... unidade espiritual
De onde vim, para onde vou."

O obstáculo que se lhe opõe já não está na desconjuntura de sua alma e sim na desconjuntura da realidade, do Mundo Enigma de "tempos sombrios", de "fascinação pela obscuridade" — mas "a ordem se fará outra vez".

"A ordem se fará outra vez"! POESIA LIBERDADE, o título parece grito de vitória! A Morte, agora é "Morte, apetite de ressurreição" é "a morte, clara esperança". Nesse último volume está o verso revelador dos

"sucessivos palimpsestos que descobrimos em nós" — o poéta volta ás origens da sua poesia, mas a morte já não é morte e a vida sim é a vida, e a eucaristia já não é a "forma" do universo e sim, a ordem do Universo.

"A arquitetura simplissíssima de eucaristia". Não é o fim, decerto, mas está consumado um ciclo de poesia.

Seria absurdo pensar que umas pobres citações possam consubstanciar tôda a riqueza poética espalhada por aqueles 7 volumes de versos. Mas bastam para adivinhar-se a "lei de evolução" realizada e verificada na Obra de Murilo Mendes. Em face da sua poesia ninguém pensará em leis mecânicas nem evolução rectilínea. Antes é a sucessão de "palimpsestos que descobrimos em nós", evolução em espiral, levantando-se para níveis sempre superiores, em oscilação permanente entre os polos da poesia de Murilo Mendes, "as colunas da ordem e da desordem", até o fim do ciclo: Poesia-Liberdade.

Serão metáforas. Mas como se pode falar de poesia senão em metáforas? Na personalidade do poéta é que se encarna a Liberdade, condição da criação artística e perigo permanente da "desordem", enquanto Poesia, como recriação, representa a "ordem". Na verdade não se trata de dois polos que estariam colocados em pontos diferentes; assim só parece por motivo da expressão metafórica. Na verdade "as colunas da ordem e da desordem" encontram-se juntas, na personalidade do poéta. E dela se pode falar sem se entrar em indiscrições vedadas à crítica, mórmente quando se trata de poéta vivo. Basta localizar a "Liberdade" de Murilo Mendes na sua sensibilidade pelo mundo infinito das artes plásticas, concebida como arte representativa da superfície profunda de todas as coisas e criaturas no mundo, superfície profunda porque através dela transparecem o sofrimento íntimo das criaturas e "as lágrimas das coisas": Murilo Mendes é poeta que sofre com os sofredores e chora com os que choram — a sua arte, complicada como foi jamais a de um mestre das tintas ou do cinzel, é profundamente humana. E o espírito de ordem poética localizar-se-ia no amor de Murilo Mendes pela música de Mozart, amor só inteiramente compreendido quando se sabe que o poéta não gosta menos de Bach; Bach, gênio da ordem absoluta que em Mozart se transfigura em beleza absoluta. Definidas assim, Poesia e Liberdade não se excluem — encontram-se na personalidade do poeta: "sujeito que não arranja nada nesta vida", mas cujos olhos já viram "a luz da perfeição".

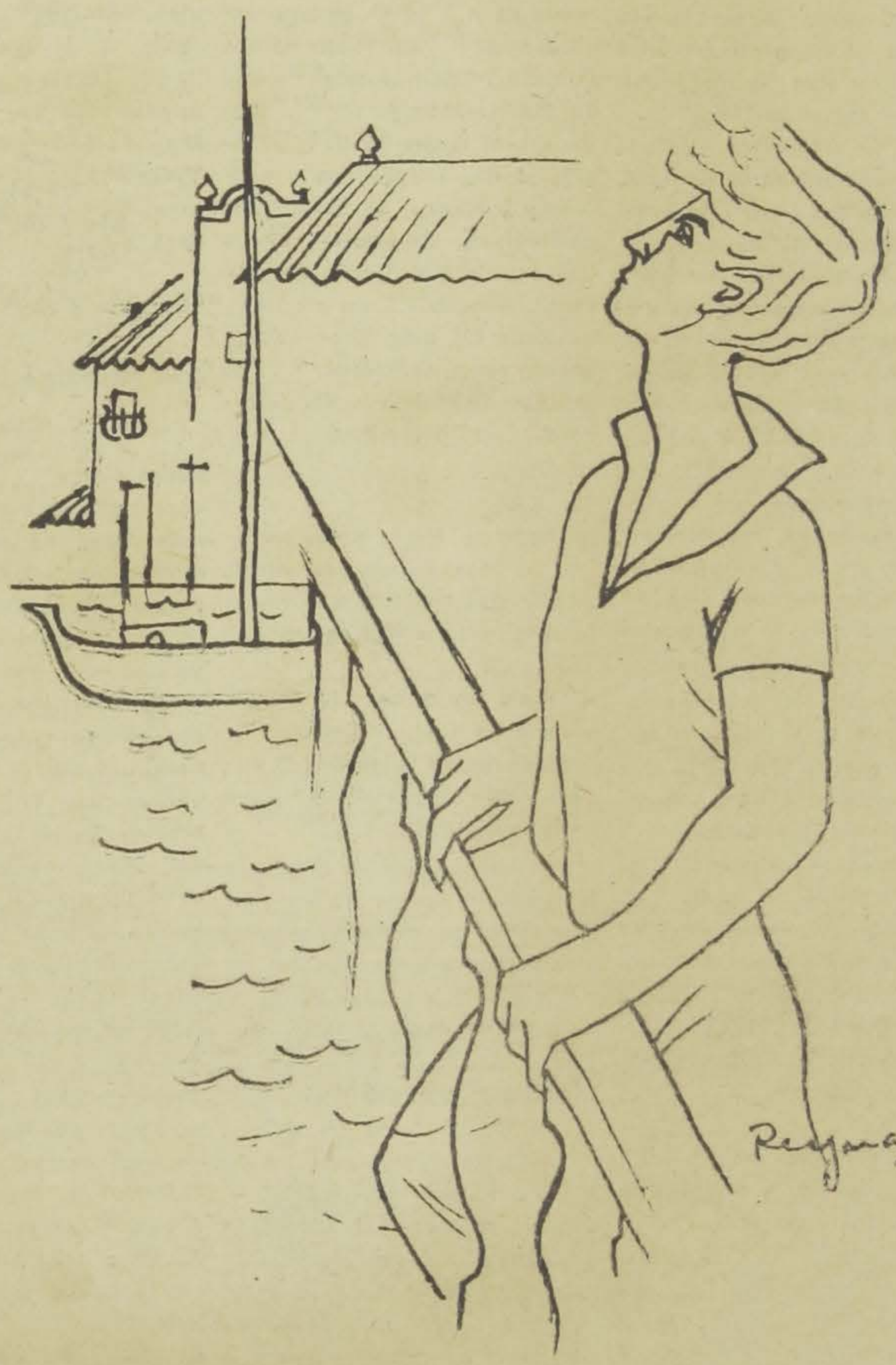


ILUSTRAÇÃO DE REYNALDO FONSECA PARA O CONTO "UM ADOLESCENTE SOBE A PONTE E OLHA O CÉU"

Um Adolescente sobe a ponte e Olha o Céu

Conto de GILBERTO FREYRE COSTA

SUBINDO a ponte da Bôa-Vista, êle consultou o velho relógio. Quinze para as 22 horas. Seria mesmo, ou estava sendo logrado como havia acontecido na semana passada? E isso lhe custara uma repreensão desagradabilissima! Lembrava-se perfeitamente da cena e sentia o mesmo sentimento de vergonha e raiva surda se avolumar no peito. Êle em pé, cabeça baixa, olhando o bico do sapato, junto a mesa do contador e aquelas palavras que soaram como marteladas nos seus ouvidos.

— Então o Sr. me chega 45 minutos depois da hora porque o seu relógio atrazou, não é mesmo? Olhe aqui seu Morais, ou o Sr. acerta o seu relógio ou acerto-lhe o ôlho da rua! Não quero malandros aquí!

Se pelo menos o chefe falasse baixo... O pior é que gritava para que todos vissem que êle era o chefão, o maior, e o Morais não era coisa nenhuma. E as moças que trabalham logo alí perto da mesa do contador... — "acerto-lhe o ôlho da rua! Não quero malandros aquí!" Naquela hora êle havia tido uma ideia maluca: saltava a mesa, aplicava um terrivel bofetão no contador jogando-o de pernas para o ar, botava o chapéu na cabeça e saía pisando duro. Felizmente compreendeu em tempo que ia fazer uma tolice tão grande como o zepelin. E de cabeça baixa ficou recordando uma cena de sua meninice, enquanto o chefe dizia mais algumas palavras que não ouviu. Êle pela mão do pai no campo do Giquiá, vendo a chegada do zepelin. O enorme charuto prateado descreveu diversas evoluções em torno do campo e foi finalmente amarrado numa torre de ferro que junto dele parecia de brinquedo. Depois foram ver o colosso de perto. Recordava agora uma cara gorda, corada e sorridente, dizendo palavras que êle não entendeu e ficou muito admirado quando soube que seu pai também não havia entendido: êle julgava que seu pai sabia todas as coisas! Desde então, tudo que era grande ou extraordinário, comparava ao zepelin. Nem seu pai entendia o que falavam seus tripulantes! Fez um esforço para ver se recordava a côr do uniforme do alemão gordo e sorridente. Era branco. Sim, não podia ser de outra côr...

Um terrível berro afastou-lhe essas tão gratas memórias.

— Que é que o Sr. ainda está fazendo aí com essa cara de leso? Agora sei porque seus colegas dizem que o Sr. vive no mundo da lua! Vá trabalhar! E já vai tarde!

A gargalhada geral que acompanhou as últimas palavras do contador o encheu de despréso e repugnância por si e pelos colegas. Êle também rira quando no dia anterior o chefe havia chamado o Cunha de toupeira por ter errado uma soma. Êle rira, aquele mesmo riso insincero e exagerado para "agradar o chefe". Eram todos aves da mesma plumagem. Submetiam-se a toda sorte de humilhações, achavam graça nas piadas mais infames que o chefe contava, zombavam dos colegas, faziam tudo, contanto que subissem na cotação daquele homem que acabava de insultá-lo. Mas, que fazer? A vida cada vez mais cara, tudo subindo! E aquêle miserável ordenado que mal chegava para alimentação. Não, êles não eram tão maus assim. Quasi todos eram casados, tinham filhos... A vida sim é que era má. Má e sem graça.

Morais tornou a olhar o relógio. Felizmente naquele momento a hora não tinha importancia. Achava ao acaso somente para passar o tempo. Começava agora a descer a ponte sem se aperceber, perdido nos seus pensamentos. Aquela repreensão fôra causada exclusivamente pelo atrazo do relógio. Êle sempre procurava chegar na hora e cumprir com os seus deveres. Mas como é que um relógio atraza assim de repente quase uma hora? Era velhice naturalmente. Lembrava-se de uma história que uma preta velha lhe tinha contado, quando menino, na qual uma jaqueira de tão velha passou a dar mangas e melancias. Êle acreditou piamente e a negra deu uma risada gostosa deixando vêr os dois dentes que lhe restavam na boca. Depois a imagem da preta foi desaparecendo e sendo substituida por outra menos remota. O professor de história natural do Ginásio limpando os óculos e dizendo com voz autoritária.

— A máquina mais perfeita do mundo é o corpo humano, o que demonstra a infinita sabedoria de Deus!

Se o corpo humano que é a máquina mais perfeita se acaba, tôdas as outras se acabam. Seu relógio era máquina, logo... Padre Tourinho dando aula de lógica. A sala era fresca, dava para o rio...

Será que seu silogismo estava certo? Êle não tinha nunca certeza absoluta das coisas. Na classe quando era interrogado, ficava arrependido de não ter estudado a lição em casa. Suava frio, olhava para o teto de testa franzida, como se estivesse se lembrando do ponto. E saía cada barbaridade! Como se arrependia de não ter feito uns sólidos preparatórios, estuando uma carreira superior e não estar hoje precisando suportar os gritos do patrão e ter que viver com aquêle salário infame!

— Olá Morais! Quer ir para o outro lado?

Voltou à realidade. Ao seu lado, junto ao meio fio, estava uma baratinha, último modêlo, capota arreada, com um rapaz na direção e duas moças ao lado.

— Como é seu bobão? Quer um "bigú" até a galeria?

Era o Aníbal. Tinha sido seu colega no Ginásio e companheiro inseparavel das anarquias e malandragens. Não chegara a terminar o curso, pois tendo sido severamente repreendido, tentou jogar um professor pela janela o que lhe valeu a expulsão do Ginásio. Dos últimos anos para cá, vivia uma vida ociosa e desregrada, envolvendo-se em constantes escândalos e enfrentando muitas vezes a polícia, de revólver na mão. Filho único, o pai tinha verdadeira loucura por êle, e protegia com seu prestígio e enorme fortuna as aventuras verdadeiramentes cinematográficas do rapaz. Aníbal, aliás, achava-se parecido com o Alan Ladd e procurava imitar sua maneira de falar e atitudes.

— Obrigado Aníbal, eu vou mesmo a pé. Não tenho pressa...

O ronco do motor cobriu as últimas palavras de Morais e Aníbal deu uma de suas classicas saídas na baratinha. Uma primeira prolongada, duas aceleradas rápidas e uma segunda que as vêzes fazia o velocímetro marcar 90 ou 100 quilômetros.

Morais continuou a caminhar vagarosa e melancolicamente. As pessoas passavam por êle que não as via pois seus olhos estavam fitos nos seus pensamentos e os rostos que à vêzes divisava vindo em sentido contrário ao seu pareciam irreais e envoltos em fumaça. Afinal que existia verdadeiramente? Seus pensamentos ou aquilo de que tinha ciência por intermédio dos seus sentidos? A realidade não seria uma abstração? Bolas! Sempre a mania de querer se convencer de que era instruído e que poderia discutir sôbre diversos assuntos! Se divagava sôbre certos temas filosóficos, era porque havia lido qualquer coisa a

respeito num almanaque de um fortificante! Bonita cultura a sua! Isso tudo por própria culpa, por ter sido um dos piores alunos do Ginásio e não ter entrado num curso superior. Se ao menos tivesse um diploma! Tinha um primo deputado que talvez pudesse fazer qualquer coisa a seu favor... Mas assim sem nenhum preparo e sem diploma... O jeito era se conformar com os 750 cruzeiros do seu emprêgo e o mau gênio do patrão. E Aníbal? Aníbal não era capaz de escrever uma carta! Não faria uma conta de dividir! Não tinha o preparo de um caixeiro de venda e no entanto não lhe faltavam boas roupas, dinheiro no bolso, muheres, automóveis... Mas Aníbal nascera rico. O pai possuia usinas, fábricas, o diabo...! Naquela mesma hora estava gozando a vida numa belissima baratinha enquanto êle atravessava a praça da Independência com sua roupa surrada, seus sapatos velhos e seu coração cheio de amargura. E o patife ainda se lembrára de convidá-lo a atravessar a ponte em sua baratinha. Outros havia que não o conheciam mais... Que adiantava entretanto aquele passeio? O conforto do automovel, as roupas finas de Aníbal e a pele bem tratada de suas companheiras apenas serviriam para aumentar a sua inferioridade. Do outro lado da ponte, saltaria e balbuciaria agradecimentos com a sensação de que acabava de receber uma esmola. Logo que se afastasse andando um tanto desajeitadamente (tôda a vez que sabia estar sendo observado, tinha a impressão de que esquecera a maneira de andar), uma das amguinhas de Aníbal perguntaria.

— Quem é mesmo êsse tipo?

— E' o Morais: foi meu colega no Ginásio. O coitado não deu pra nada. E' um empregadinho aí qualquer...

Atravessava agora a ponte Maurício de Nassáu. A brisa do mar batia-lhe no rosto numa carícia suave e refrescante. Uma mulher fez-lhe um convite íntimo. Adiante um mendigo pediu-lhe uma esmola. Acabou de atravessar a ponte continuou a andar em direção ao cais.

— Então seu malandreco, veio fazer a sua farrinha heim?

Era o Brito seu colega de emprêgo. Ainda mais essa! Era só o que faltava ter que aturar êsse peste com suas mentiras sôbre conquistas de mulheres casadas!

— Olhe aqui ó Brito, você vai me desculpar mas eu vou me encontrar com uma dona muito boa! Do tipo daquelas que você conquista. Está bem?

Não gostava de mentir, mas para se livrar de uma companhia enfadonha era capaz de tudo. Principalmente nessas horas em que saía pela rua sem um destino certo apenas para caminhar, remoendo as suas amarguras ou recordando dôces momentos de sua meninice. Interromper suas divagações para ouvir do Brito os nomes dos novos membros da confraria de São Cornélio era um verdadeiro sacrilegio! E aquela história na qual o Brito pulara a janela do quarto de uma senhora, em trajes menores e saira a correr ouvindo os disparos que contra êle fazia o marido enganado que felizmente atirava muito mal!... Aquela historia não podia deixar de sair! Era o preto de resistencia de suas narrativas!

Morais continuou a andar e olhar para traz. Ouviu o outro dizer que queria apenas convida-lo para tomar uma cerveja, não ia atrapalhar as conquistas de ninguem e que conquistar ali era questão de dinheiro no bolso. Sorriu com tristeza. Brito havia dito a verdade. O que valia era o dinheiro. Por dinheiro aquelas mulheres vendiam o corpo, por dinheiro êle suportava os gritos do patrão naquele emprêgo detestavel, em vez de estar caçando feras no Amazonas como era seu desejo desde menino.

Chegou finalmente à amurada do cais e debruçado ficou olhando o mar. Como seria bom se êle pudesse viajar, conhecer novas terras, novas pessoas andar bem vestido com aquêles homens a quem êle atendia quando empregado de uma companhia de aviação. O emprego era bem melhor que o atual, embora sentisse sempre aquela sensação de inferioridade ao atender os passageiros. Era um extra no teatro da vida. Lêra esta frase ou coisa parecida em algum lugar e achava que ela dizia realmente o que êle sentia naqueles momentos. Tinha sido despedido juntamente com outro, quando os negócios da companhia começaram a correr mal e fôra cair no escritório onde agora se encontrava.

Olhou o céu e ficou contemplando as estrêlas. Elas brilhavam no mesmo lugar e do mesmo modo na primeira noite que passou no internato. Tinha então 8 anos e nunca havia dormido uma noite fora de casa. De sua cama pela janela aberta via o céu estrelado donde vinha uma claridade pálida se espalhar suavemente pelo dormitório. Brilhavam do mesmo modo quando sua namorada de tantos anos lhe dissera com tristeza que não fosse mais visitá-la. Era uma moça pobres, havia esperado aquêle tempo todo, não era possível continuar. Um senhor de algumas posses queria casar com ela prometendo que ajudaria a família. A situação de seus pais era angustiosa e por êsse motivo resolvera aceitar, embora soubesse jamais esquecer o namorado de infância. Brilhavam do mesmo modo na noite em que seu pai morrera. Saira do quarto atônito sem compreender se aquilo era verdade ou se estava sendo vitima de um pesadelo e ficara olhando o céu com os olhos cheios dágua. E agora elas brilhavam da mesma maneira como se aqueles instantes de sua vida e o presente fossem um só momento. A mesma angustia, o mesmo nó na garganta.

Morais acendeu um cigarro.

— Maldito vício! preciso deixá-lo, principalmente agora que o preço subiu. O dinheiro não dá pra nada!...

Um marinheiro bêbado abraçado com uma mulher ia passando naquele instante e vendo aquele homem alí falando sozinho soltou uma sonora gargalhada e se foi cambaleando.

Morais olhou mais uma vez as estrêlas e saiu a caminhar desaparecendo na escuridão da noite.

Recife — Janeiro — 1949

MENINA

JOAQUIM CARDOSO

OS TEUS OLHOS DE AGUA
OLHOS FRIOS E LONGOS
ESTA NOITE PENETRARAM
ESTA NOITE ME ENVOLVERAM.

BEM QUERIDA MADRUGADA.

OLHOS DE SOMBRA, OLHOS DE TARDE
TRAZEM MIRAGEM DE MENINAS
ANCAS QUE PARECEM ROSAS.

SOB O CAMINHO DE MUITAS LUAS
O TEU CORPO FLORESCEU.

Clave

OS CINCO DO BRASIL

JOÃO DA VEIGA CABRAL

LUIZ HEITOR, num bonito estudo sôbre a obra artistica de Francisco Mignone, faz notar uma esquesita coincidencia que une — pode-se dizer cabalisticamente — os CINCO grandes da Música Brasileira hodierna. Desta música de agora, impregnada do cheiro da côr da seiva, da alma do Brasil. Essa coincidencia consiste em haverem nascido, Heitor Villa-Lobos, em 1887; Francisco Mignone e Oscar Lorenzo Fernandez, em 1897; Camargo Guarnieri e José Siqueira, em 1907. E dando, o referido escritor, um saltinho lá para as cabeceiras da nossa música artistica, sente um arrepiosinho supersticioso ao constatar que o Zé Mauricio, o patriarca incontestado, Padre José Mauricio Nunes García, também entrou neste mundo pela porta de uma milhar cuja unidade é um sete... 1767...

Luiz Heitor ainda insiste, na misteriosa relação dos setes: Mignone chorou, pela vez primeira, num mês de setembro. Oxente! — não posso, agora deixar de contribuir com a minha observaçãosinha de nordestino espantadiço e prudente respeitador de todas as coisas inexplicaveis deste mundo — mas não se trata de música brasileira, nossa, independente, livre de modêlos e de influencias da estranha? Pois então reparem mais nesta: O sete de setembro... do Ipiranga ás margens plácidas...

Seja cabalistica ou não essa história, pouco importa. Mencionei-a apenas a título de curiosidade. Unidos nasceram, sim, aqueles cinco artistas, por uma destinação misteriosa e invencivel. Por uma temerosa e sagrada missão: captar, no sangue a na alma de um povo, a essencia virgem e pura da sua canção. E dessa essencia, construir o edificio pelo qual uma Arte Nova se projeta no espaço e no tempo. Missão para gênios. O mesmo destino que imanou, na angustia e na glória, aqueles cinco da Russia: Balakirev, César, Cui, Rimski-Korsakov, Borodine e Mussorgski, no Século XIX. O gênio de uma raça que chega, na hora oportuna, elege os seus mártires, passa a habitar os seus espíritos e, pelo verbo das suas criações, surge, explende á luz do mundo...

— X —

Vêjo-os, sinto-os, aos cinco da predestinação brasileira, na alegria dolorosa da busca e da criação. Vislumbro-os, atentos, ansiosos, incansaveis, debruçados — quais ávidos faiscadores de diamantes — sôbre as águas ora claras, ora turvas, aqui rasas, além profundas da alma nacional, na pesquisa insana das gemas com que estão cimentando os fundamentos da obra que outros geniais operários virão, em outras gerações, consolidar. A sua luta é maior que todas lutas que hão de vir. O seu trabalho é o do obreiro que, lá em baixo, nas escavações profundas, sob o sol, a poeira e a chuva, argamassa com o suor do seu corpo e com o entusiasmo da sua fé, os alicerces que terão de suportar o peso dos tempos e das contribuições dos vindouros.

Um deles já adormeceu, exausto, sôbre as pedras magnificas, rutilantes, que arrumara no seu setor de trabalho. Oscar Lorenzo Fernandez, não pôde levar até o fim a sua tarefa. Mas o que deixou ficou bem firme e permanecerá para sempre.

Heitor Villa-Lobos, já sexagenário, ainda não mostrou sinal de cansaço. E' o arquiteto-mestre o lider desse grupo privilegiado. E avança, agora na plenitude da sua técnica e do seu poder criador. Mignone, que começou mais tarde, já se emparelha com ele, no valor e nas dimensões da obra realizada. Guarnieri e Siqueira, excedem-se a cada passo, e si mestros, na ansia de superação que é a força e, também, a tortura constante do Artista.

Do gênio da pesquisa e da criação dos cinco do Brasil, projeta-se uma nova música que o mundo está compreendendo e aprendendo a amar...

— X —

— *Cultura pianistica* — A Professora Zulmira Botêlho, diretora do conceituado CURSO DE PIANO SANTA CECILIA não descança e nem dá tempo ás suas alunas para esquecerem as excelentes lições recebidas. Somente para este mês, ela está preparando com o primor que lhe estamos acostumados a atestar, dois recitais de suas discipulas. O primeiro a 5 e o outro a 30 do corrente, ambos no Teatro Santa Rosa. Neste último serão executadas exclusivamente partituras de Chopin, em homenagem ao excelso compositor polaco, cujo centenário se comemora em outubro proximo. A nossa cultura pianistica muito vem devendo a essa esforçada e esclarecida educadora.

— X —

— *Crises da primeira infancia* — A Nossa Orquestra Sinfônica vai resistindo bem a mais uma crise que, desta vez, quasi ia pondo um ponto finalissimo na sua tão jovem e tão atribulada existencia. Escapou, parece. Ela escapa sempre. E viverá, se Deus quizer. São crises da primeira infancia...

— X —

— *Concurso Bandistico* — O maestro Francisco Picado parece que comeu "azougue" quando era menino. Apezar da idade e apezar dos pezares, não para um instante de se mexer, na sua paixão e na sua ansia de fazer sempre qualquer coisa em pról da Música, onde quer que ele se encontre. Agora imaginou e já está pondo em prática, preliminarmente, um Concurso de Bandas de Música do Interior do Estado. O projeto está sendo otganizado de forma bem viavel, útil e interessante. Bem breve a imprensa local terá do que falar, a respeito.

Correio das Artes

ANO I Número 25 — Suplemento Literário de A UNIÃO — João Pessoa, Paraíba — Domingo 11 de Setembro de 1949

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

NEVES JUNIOR

1875 — 1940

THEODOMIRO FERREIRA NEVES JUNIOR nasceu na cidade da Paraíba a 14 de agosto de 1875. Iniciou-se na arte tipográfica ao mesmo tempo que fazia o seu curso preparatório. Concluido êste, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, não chegando porém, a terminar o curso. Dedicou-se, então, ao magistério particular, durante longos anos, e por fim ao comércio. Cultivou o jornalismo e a poesia.

Faleceu em 30 de dezembro de 1940, em Jacarepaguá, Estado do Rio.

Publicou: "Aresias" — versos — H. Garnier 1909.

FUNDA MUDEZ

No silencio e na paz deste deserto,
Dormente e entristecido como um Horto,
Todos os seres mostram-nos de perto
O seu imenso e fundo desconforto.

Aquí, no vacuo deste campo aberto
Semelha a noite um malfadado porto,
Em que tudo pareca envolto e incerto,,
Nas côres funeraes de um mundo morto.

Nênhum murmurio quebra esta orfandade
Das cousas mudas, nem um som contenta
Esta tristeza desolada e núa...

Sómente, sôbre tanta soledade,
Vaga tranquila, vagarosa, lenta,
A mortalha fantástica da lua...

RETORNO

Quando após êsse dia tu partiste,
O' meu formoso e rotido amaranto,
Tudo ficou deserto, mudo, triste,
Deserto e triste, nem o som de um canto!

Aos embates do mal, só o mal resiste,
E eu resisti, eu resisti, no entanto...
E tu, que eras o sol, não mais surgiste
Para tirar de mim tão frio manto...

Esta manhã, a natureza iriada
Como um vaso de pérola irradia.
Cantam as aves, ri o céu de ouro...,

Saio, olho o céu, as árvores, a estrada
Quero saber por que tanta alegria...
Tu vens passando como um astro louro.

HARMONIAS PERDIDAS

Mulheres encontrei-as, várias no meu caminho,
Parecendo quererem alentar-me e seguir:
Mas logo outro buscavam — voluveis passarinhos
Que entre o luxo pudessem trazê-las sempre a rir.

Havia uma que de tal maneira me encantava,
Que me enchêra de tanta incontida ternura,
Que eu comigo dizia: Eis enfim, encontrára
O que buscava em vão — toda a minha ventura.

Quantas cousas então eu pensava e sentia!
Que infinito de sonhos eu idealizava!
Em tudo o que pensava era ela só que eu via.
E tudo quanto via eu nela só pensava!

DESEJO LOUCO

A Alvaro de Carvalho

Naquele instante, que ventura a sua!
Andavam juntos num descuido lindo!
Branqueava a terra, como um lirio abrindo,
A luz suave e trêmula da lua.

Como um casal, que pelo mar flutua,
De aves contentes pelo mar fugindo,
Passeiando iam, esquecidos, rindo
Ao campo ás cousás, pela estrada núa.

Num gozo raro, num feliz momento
Param mirando o claro firmamento
Como uns alegres, satisfeitos sabios..

Nisto ia a dizer: Sua paixão é tanta!
Por ela sonha, desespera e canta...
E a palavra lhe morre á flôr dos lábios!

HOJE

Hoje passas por mim indiferente
Como se os nossos corações jamais
Um para o outro pulsassem doudamente
Nas horas de incertezas e de paz.

Como o tempo transmuda duramente
O que eterno julgamos e é falaz!
Hoje passas por mim indiferente
E sem pesar não nos amamos mais!